

FAVOURITE WORST NIGHTMARE
arctic monkeys



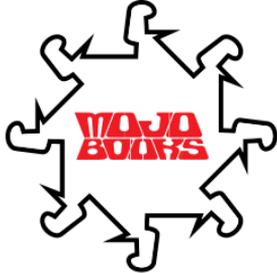
recontado por
GEORGE FARWELL



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador



MOJO SPECIALS 01

FAVOURITE WORST NIGHTMARE
arctic monkeys

recontado por **GEORGE FARWELL**



MOJO SPECIALS 01

FAVOURITE WORST NIGHTMARE
arctic monkeys

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte **Delfin**

capa **Ricardo Giassetti**

revisão **Camila Kintzel**

Outubro de 2007

Meu nome é Charles S. Barry. Não acredito que você faça idéia do que é ser o irmão mais novo de Danny S. Barry, ou neto dos famosos Barry, e não gostar de se aventurar por selvas tropicais, vastidões congeladas ou passar meses no Atacama. Seria equivalente a nascer no seio dos Flying Wallendas¹ e ter medo de altura. De mim, o mínimo que se esperava é que fosse piloto de corrida. A sorte de nascer cinco anos depois de Danny livrou-me da obrigação de Destemido Primogênito, mas a sorte não durou muito. Nem a minha nem a de Danny. Toda minha perspectiva de vida afundou quando eu tinha quinze anos. Eu, Danny e meus avós passávamos uma primavera na congelada Ilha Bylot. Katherine Scherman havia feito um roteiro especial para eles, e nós, os dois netos, tínhamos de acompanhá-los, porque meus pais tinham uma seqüência de festas em Montecarlo.

Se um dia você tivesse como chegar a Bylot, se arreperenderia.

¹ THE FLYING WALLENDAS É O NOME DE UMA FAMÍLIA DE DESAFIADORES DO PERIGO, GERALMENTE FAZENDO NÚMEROS DE CORDA-BAMBA SEM REDE DE SEGURANÇA. UM DOS MEMBROS MAIS FAMOSOS, KARL WALLENDAS, MORREU AOS 73 AO DESPENCAR QUANDO ATRAVESSAVA O VÃO ENTRE DOIS EDIFÍCIOS EM SAN JUAN, PORTO RICO, EM 1978.





O lugar é certamente vasto, figurando em septuagésimo primeiro lugar entre as maiores ilhas do mundo. Suas altas montanhas são uma continuação dos picos de Baffin e fazem parte da Cordilheira Ártica. E quem se importa? Eu, aos quinze anos, certamente não. Eu não pude levar meu amplificador porque não tínhamos luz elétrica. E não levei minha guitarra porque não tinha ampli. Levei um violão e um lápis. Achei que escreveria alguma coisa nos dois meses que ficaria nos confins do território Nunavut. Cinco vivas para Robert Bylot, que, em 1616, descobriu aquele pedaço bucólico do Ártico. Eu acho.

Eu não sei onde o explorador Bylot morreu. Geralmente exploradores simplesmente desaparecem. Ou definham, amaldiçoando a incapacidade que a velhice traz. Foi assim com Sir Richard Burton, com Fawcett e Amundsen. Exploradores vivem para descobrir e morrer. Nada mais. Foi assim com meu irmão Danny. Ele morreu soterrado por uma avalanche em Bylot, três anos atrás. Pelo menos essa era a história que eu sempre contava, até o Natal.

* * *

e perturbação. Ele era alto, forte, louro, bonito e fotogênico. Sua inteligência parecia fácil, fluida. A naturalidade com que lidava com o perigo, a facilidade na tomada de decisões, desde criança, só podia ser obra de um ser superior. Nenhum ser humano podia ter nascido pronto assim. Mesmo com o favorecimento genético da família Barry — um clã estritamente acadêmico havia pelo menos três séculos, e o ambiente cultural onde nos criavam —, Danny estava além do mero acúmulo de informações. Ele tinha caráter irretocável, sabia a hora de ser duro e sério, mas conhecia também todos os gestos mais gentis. Sua delicadeza e segurança eram perturbadoras, muito mais para os adultos que para as crianças. Para os adultos, Danny era quase incômodo. Não porque fosse arrogante, mas porque sua gentileza e paciência denunciavam-no como superior. Para as crianças, Danny era um adulto que as entendia. Era jovial, dinâmico e próximo. Ele apresentou um programa no *Channel 4* por cinco anos. Até hoje recebemos cartas em casa.

Danny era o filho que todos queriam ter. Serviu de modelo em comerciais de fralda e dos caramelos Merlin. Antes dos dez ficou em terceiro lugar no nacional de *kart*, colecionava medalhas de matemática e natação. Aos quinze, tinha três patentes na *Royal Society* e participava como estagiário numa pesquisa



na UCLA, por correspondência, e na *Search for Extra-Terrestrial Intelligence*.

Eu amava meu irmão. Com tantas qualidades, como poderia não amá-lo? Quem não amaria? Se ele era forte, eu fazia exercícios para ficar tão forte quanto. Eu olhava sempre suas fotos e vídeos, comparando seu físico na época em que tinha a mesma idade que eu. Se ele era inteligente, eu lia o máximo que podia dos livros da sua estante. Se ele aprendia uma língua em seis meses, eu tentava conjugar os verbos irregulares do francês pra minha namoradina da quarta série. Desde que eu nasci, ele já era uma estrela; quase todos os Barry foram estrelas. Não importava o quanto eu me esforçasse, eu nunca conseguiria alcançar Danny, que fazia mais sucesso que talvez todos os Barry juntos. E eu estaria sempre tentando ser Danny, já que cheguei esses cinco anos atrasado. E é impossível ser um Danny Barry melhor que um Danny que já nasceu Danny Barry. Eu era só o Chuck, o Charlie, o irmão mais novo. E, para piorar, eu era muito menos fotogênico que Danny. Mas, como já disse, Danny morreu.

* * *

torado em geologia do Lago Baikal — ou Buryat, dependendo de que lado dele você está. Minha mãe, órfã do grande comerciante marítimo Carlos Melgrant, o avô que nunca conheci, também estava por lá, pesquisando biologia marinha. Mas mamãe era muito mais pelo exótico do que pelo conhecimento. Meu pai a salvou de um ataque de piratas chineses e acabou levando a mão da beleza junto. Ela deu à luz Danny e eu, mas nunca se preocupou em cuidar de nós. Ela preferiu continuar sendo uma figura do *jet set* internacional — apesar de “submergente” social. Meu pai convenceu meus avós a não levar a sério sua tendência ao alcoolismo e conseguiu o cargo de empresário dos Barry. Danny seria, ou deveria ter sido, sua maior criação. A concepção do meu irmão sempre ficaria em algum lugar entre a providência divina e um golpe de sorte arquitetado. A minha, entre um incidente sem importância e um golpe de sorte de quinta categoria. Mas Danny morreu.

* * *

Como o corpo de Danny nunca foi achado, os Barry nunca aceitaram publicamente sua morte. E nesses últimos anos ninguém fez questão de esquecer o quanto Danny era espetacular.

FAVOURITE WORST
NIGHTMARE



Todas as esperanças da família Barry estavam depositadas em Danny quando eu voltei para a cabana de madeira em Bylot e contei sobre a avalanche.

Geralmente passávamos o Natal na casa dos meus avós, e aquele não foi diferente. Vovôs Sidney e Mary, os famosos Exploradores Barry, formavam um casal muito conhecido no mundo acadêmico e eram extremamente populares. A história dos meus avós era instigante. Meu avô tinha sido sacerdote ortodoxo na Bósnia. Meus amigos da classe perguntavam se era verdade, se meus avós tinham vivido aventuras ao lado do inigualável Vernon Mayer, se eu era mesmo o tal irmão de Danny S. Barry. Perguntavam sobre o fóssil do *Homo ludicus*, se foram eles que descobriram as formações de ácido nas cavernas subterrâneas de Yun-Tang, se foram os responsáveis pela localização da cidade perdida de Tianahuacua. De 1938 a 1944, meus avós foram essenciais no combate aos nazistas, pesquisando fenômenos e manifestações e agindo como detetives do sobrenatural. Chegaram a lugares inexplorados, pesquisando em campo o que os cientistas precisavam nos laboratórios. Eram os *office-boys* da nação, o grupo de heróis da primeira página, chegando sempre antes dos inimigos. Por dez anos a Paramount distribuiu sete minutos semanais de *Vernon Mayer and the Barrys*, minidocu-



mentários de aventura exibidos antes dos seriados do *Captain Flag*, *Chalengers of the Mystery* e *The Specials*.

O invejado casal Barry, os avós de Danny, mas não meus, estava acostumado a estampar capas de jornais e revista no mundo todo, em um tempo ou outro. Tinham histórias magníficas para contar quando punham a gente pra dormir. Meu pai, filho único de uma vida atribulada, nunca recebeu tanta atenção quanto Danny receberia.

Mas então o tempo das gargalhadas e aventuras com Danny já ia longe. Eu era a única coisa com que eles tinham de se preocupar agora. O segundo havia virado primeiro. O único. E, antes que se imagine que sou algo entre um fratricida e um cara com um *royal flush* na mão, adianto: não, eu não matei meu irmão. Não tenho razão para mentir, tenho? Danny se foi sozinho. Lembro bem disso, de que de onde eu estava seria impossível salvar Danny.

Nas reuniões, todos comiam olhando para o próprio prato e falavam com um assovio esquisito no final das frases. Eu parecia ir bem, mas era um fiasco como Danny. Viramos uma família bem triste e sem rumo por anos a fio. Havia um sentimento de culpa no ar, eu podia sentir. E de raiva. Odiavam-me por eu não ter salvado Danny, ou por não ser tão Danny a ponto de salvar Danny. Danny era uma aposta alta para todos.



Claro que eu queria um pouco da atenção que davam a Danny, mas eu o admirava tanto que não me importava. Danny era o centro do universo dos Barry. Era ele quem me explicava por que a bromélia armazenava água, me ensinava fazer uma jangada, uma atiradeira. Eu me sentia sortudo por ser seu irmão. Mas esta estava sendo uma boa fase da minha vida. Eu era o centro das atenções, finalmente olhavam para mim. Mesmo não podendo ensaiar tanto quanto eu gostaria, era isso o que importava naquela noite de Natal, quando o tal Vernon Mayer apareceu horas antes da ceia.

* * *

A campainha tocou, e todos falavam sobre um corte de investimento da Fundação Brightman nos projetos do curso de Arqueologia em Berkeley. Meu avô olhou ao redor antes de levantar-se para atender, sondando se algum de nós esperava alguém mais para a ceia. Quando abriu a porta, reconheceu o visitante imediatamente:

— Vernon? Vernon Mayer, seu bastardo?

— Sid Barry, mas que diabos? — disse Vernon com um rosto espantado e seu sotaque inglês.



Nós, ainda sentados, paramos de falar por um momento e olhamos para a porta de entrada. Vernon desviou o olhar pro lado, forçando a vista e franzindo a testa, olhando longe no horizonte. Não havia nada para ver, exceto a noite escura no meio dos Hamptons e nenhuma outra casa por mais de cinco quilômetros. Ele soltou um pequeno suspiro e voltou o olhar para o meu avô:

— Meu Deus! Sid, eu peguei a saída errada em Cardiff! Onde é que eu vim parar?

E abriu um sorriso largo e amistoso. Meu avô soltou uma gargalhada robusta e abriu um abraço:

— Vernon, seu palhaço! Você veio parar em um lugar perto de Connecticut, bem na noite de Natal, na casa dos Barry!

Eles se abraçaram longamente. E todos nós na sala entendemos a piada e rimos também. Então Vernon abaixou-se e pegou umas sacolas do chão e uma gaiola coberta, e as levantou bem alto. Eram brinquedos para as crianças, bebidas e presentes para todos. Era impossível não gostar daquele velhote inglês de careca rosada. Mesmo que ele pisasse com as botinas espalhando lama clara e seca pelo tapete, mesmo assim, ninguém se aborreceria em ter Vernon para a ceia de Natal.

Vovó foi ao encontro de Vernon, a quem ela chamou de “mal-





dito inglês desnordeado” e lhe deu um abraço muito apertado e um beijo na barba branca, puxando-o pelo braço para mais perto de todos nós, nos sofás perto da árvore de Natal. Vernon praticamente jogou minha mãe pra cima quando a cumprimentou, como se ainda fosse criança. Meu pai, geralmente um egocêntrico que não suporta ninguém tocando mamãe, apressou-se em preparar um drinque especial para o visitante. Eu me senti na presença de um aventureiro lendário, de um galã de cinema como Charlton Heston. Só de olhar para Vernon dava pra ver que ele já tinha ido a todos os lugares do mundo. E talvez até para alguns fora daqui. Quem sabe até outra dimensão? Será que ele já tinha viajado para Marte em missão secreta? As rugas do rosto dele eram tão definidas que pareciam um mapa de relevos. Os vincos no rosto eram cânions, o canto de seus olhos era um delta de rio. Aqui e ali, pequenas cicatrizes que deviam ter nascido em ótimas histórias na selva, em corredeiras, tempestades terríveis, furacões, feras, cavernas profundas, noites e dias famintos. Esse era o homem que conseguiria fechar o Central Park com o aval do Congresso para escavar uma nave espacial de vinte milhões de anos, só por intuição.

Vernon foi cordial com todos. Quando ele finalmente veio me cumprimentar, notei que tinha reservas. Olhei para ele e acreditei

na minha intuição:

— Tio Mayer, que saudades, você apareceu para agitar as coisas!

— Vamos conversar melhor na troca de presentes, Charlie.

— O que você tem nessa gaiola, tio? Não é uma cacatua da Guiné...

As sobrelhas de Vernon pipocaram para cima como dois foguetes decolando e seu queixo enrugou como uma poça de areia movediça durante um terremoto. Ele apenas me deu um beijo na testa:

— A culpa não é sua, rapaz. Mas vamos saber a verdade — e voltou-se, esfregando as mãos e perguntando se podia tomar mais um gole “daquele uísque desprezível”.

Durante a ceia, contou histórias inacreditáveis sobre expedições a bordo do submarino 12-U nas ilhas Ferdinand e vôos noturnos sobre a cordilheira Malaui durante as monções para filmar um tigre cinzento. Não era à toa que ninguém via Vernon Mayer havia anos. Se o planeta era pequeno demais para ele, imagine a propriedade dos Mayer.

As histórias foram brotando da boca de Vernon. Muitas delas, claro, também tinham meus avós como protagonistas. Nem todas eram sobre aventuras antológicas. A tal que originou a piada





sobre o senso de direção de Vernon aconteceu há bons cinquenta anos, quando ele ainda era um jovem estudante e convidou meu avô para dar uma palestra na Universidade de Cardiff. Vernon era um fã do vovô Barry e aproximou-se dele pelo caminho da franqueza, convidando um dos mais promissores geólogos e paleontólogos da época para uma palestra no Centro Acadêmico num sábado à noite. Meu avô chegou de trem de Londres algumas horas antes da conferência. Vernon e mais um colega de faculdade, o tal Fred que hoje preside a National Geographic Society, foram buscá-lo num carro emprestado, uma viagem de menos de vinte quilômetros. Como estavam adiantados, os dois jovens e meu avô resolveram pegar um atalho da estrada que passava por uma hospedaria, onde poderiam tomar um trago. E tomaram um, dois, cinco tragos, até perder a conta e a hora. No campus, alunos e professores começavam a ficar impacientes:

— Só faltavam quinze minutos para o horário marcado no salão da faculdade e ainda estávamos nos despedindo de duas irlandesas na mesa perto da porta. Os três juntos já tinham bebido o quê? Oito doses cada? — perguntou Vernon ao meu avô com um tapa no ombro.

— Menos, Vernon. Calma. E as garotas não estavam interessadas em nós.

— Então fomos para o carro. Eu engrenei a marcha e liguei o motor sem pisar na embreagem. O carro deu um salto para frente e focinhou na árvore — contou, segurando um volante imaginário e jogando seu corpo para cima da mesa, na direção do peru. Gargalhou alto junto com todo mundo e continuou a história. — Andamos um pouco, e eu jurava que o caminho correto era para a direita. E andamos muito tempo até que o carro parou. O radiador estava furado e o motor fundido. Botamos o pé na estrada, bêbados e cantando alto. Depois de horas andando percebemos que tínhamos voltado para a estação de trem. Andamos no escuro, e o velho Sid aqui deu uma palestra particular pra mim e para o Fred no caminho.

— Quando a gente chegou no campus, não tinha mais ninguém esperando, já era madrugada. O salão estava vazio e as faixas de “Boas vindas, professor Barry” estavam viradas, com frases como “Vernon Mayer é um safado!” escritas no verso.

Vernon estava limpando a boca como um canastrão, fingindo superioridade nobre bem-humorada:

— Oh, meus colegas acharam que eu tinha embolsado o cachê do Sid e que a palestra era um embuste para eu tomar mais uns drinques por aí.

— Vernon, de onde eu vejo, seus colegas estavam certos!



— Foi o começo de uma sociedade de sangue, Sid. Sei que sou um fanfarrão e que você sempre mereceu mais crédito que eu. Sempre achei que o nosso show devia se chamar *The Barrys and a guy* — e jogou-se contra o encosto da cadeira, gargalhando, para ficar sério em seguida. — Hoje quero retribuir a vocês tudo o que me deram.

Mais risadas, mais brincadeiras, sobremesas e badaladas do carrilhão romeno no canto da sala. Trocamos presentes, todos ao mesmo tempo. Vernon me deu uma pequena pedra maia esculpida. Segundo ele, diz “O futuro está sempre no passado”. Para minha avó Mariah, ele trouxe um pote de bananas em conserva do Taiti. Para o meu avô, Vernon deu uma linda caixa machetada em marfim e madeira escura, “para os apetrechos do charuto”, ele disse. Parece que todos ficaram felizes com seus presentes. No final, Vernon colocou a gaiola coberta com couro escuro em cima da mesa e olhou em volta até parar em mim:

— Charlie, você pode colocar a mão debaixo do couro da gaiola? Não vai machucá-lo.

Eu sabia, eu tinha uma idéia do que estava ali. Olhei de volta para Vernon e depois para toda minha família. Todos estavam em silêncio, sem saber do que se tratava aquilo. De dentro de mim subiu um repuxo que espiralou peito acima e explodiu de

dentro para fora da minha cara. Baba, lágrimas e um choro alto. Vernon pôs a mão no meu ombro:

— Charlie, acalme-se — segurou meu pulso com força e passou seu braço junto com o meu sob a capa.

Parecia que ali havia um bicho afobado e peludo, guinchando no escuro da gaiola com medo das nossas garras humanas. A gaiola chacoalhava sozinha, e estava congelada por dentro. Os guinchos eram baixos, mas histéricos. Minha mão errava e não conseguiam tocar nada, só sentia pêlos macios e as pequenas barras geladas da gaiola. Eu gritava e chorava ainda mais alto. As mulheres adiantaram-se em minha proteção, tocando os braços de Vernon para persuadi-lo a me deixar em paz. Meu avô e papai estavam controlados, mas tensos, embora confiassem em Vernon. O ritmo e a intensidade de tudo aceleravam para mim. Vernon as ignorou e gritava em meu ouvido:

— Foi uma avalanche de macacos? Lembra dos macacos, Charlie?

Eu só gritava.

— Se tivesse contado a verdade, rapaz, as coisas seriam diferentes! Por que escondeu de nós? Por que acha que fiquei fora todo esse tempo?

— Eu não sei! Eu não sei! — respondia sem saber por que



estava sendo torturado.

— Eu encontrei a verdade, Charlie, e você não vai mais tomar o lugar de Danny! Isso acaba hoje!

— Não! Eu não queria! Eu não queria! Me larga, tio! Você nunca me conheceu! Você não sabe!

Eu nunca perderei o tio Vernon, a quem agora chamo de o tal Vernon. Ele não tinha o direito de despejar sua raiva e frustração daqueles anos todos de procura sobre mim. Meus últimos apelos foram ouvidos, e ele me soltou violentamente. Caí de volta em minha cadeira e o encarei como um tigre vingativo:

— Sou apenas o Charlie, lembram? Anos atrás eu era menos ainda pra vocês. E quem se importava? Eu queria alguma atenção, claro que queria! Mas não faria isso com Danny. O que eu vi, o que nós dois vimos em Bylot... não dá para descrever. Ou melhor. Se eu tivesse sido a vítima e Danny tivesse voltado e contado, vocês acreditariam. Mas não em mim. Eu estaria contando uma mentira! Eu estaria tentando esconder algo! E eu não queria que vocês fossem atrás de Danny e vissem! Se eu sou culpado, todos vocês aqui também são!

Meu avô não conseguiu mais se segurar e levantou-se da cadeira:

— Vissem o quê, Charlie?

Vernon tentou amenizar os ânimos e explicar o ritual, mas eu só queria ir até o fim, agora:

— Vissem nada, vovô! Nada! Quer saber por que? Como não se vê nada?

Vernon arregalou os olhos, mas fui mais rápido que a sua velhice. Puxei a alça da capa da gaiola e todas as luzes se apagaram. Tudo ficou escuro. Apenas uma luz amarelada e fraca entrava pelas janelas. Podia ser a decoração de Natal, podia ser outra coisa. Vernon gritou com toda a força:

— Segurem as mãos! Dêem as mãos, rápido!

Os elementos que compunham aquele final de noite de Natal desapareceram. O vento parou de soprar, a neve parou de cair, a lenha da lareira parou de crepitar. O fogo queimava sem barulho algum e sem luz. As corujas lá fora se calaram no meio de um pio.

Quando Vernon terminou a frase, já havia um silêncio oco. Meus tímpanos pareciam pressionados, ou era como se todos os sons estivessem sendo sugados para fora pelas frestas das janelas, como se o ar tivesse sido retirado. Lá fora, os sons começaram a voltar devagar. Primeiro, as ondinhas na beira do lago, depois, subindo o barranco, passando pelos pinheiros no bosque, as folhagens voltando chacoalhar na brisa fria.





Então o som atravessou o pasto, com os cavalos fungando e batendo os cascos repetidamente na grama. Pareceu que o som chegou formando um círculo, fechando-se ao redor da casa. Chegou para acabar logo com aquela pressão nos tímpanos. Nas janelas, em todas elas, fileiras de silhuetas primatas cercaram a casa. Estavam calmos, a princípio, como um destacamento que entra em formação e espera a ordem do grito de guerra do comandante. Agitaram-se, primeiro subindo nas árvores, depois correndo e tomando impulso nos beirais da varanda para treparem no telhado. Um alvoroço de mãos e pés fez a casa toda trepidar num crescendo, quase ensurdecendo a todos, o que nos fazia apertar as mãos com mais força ainda. Mais forte e mais forte. Quando tudo parou, todas as patas batendo no telhado, no chão, nos peitorais, chacoalhando os galhos. Irritadíssimos. Pararam um segundo antes do som mundano da campainha: din-dong!

As luzes da casa acenderam-se e não se via mais sombras do lado de fora. Na mesa, os três velhotes se entreolhavam como se tivessem aprontado a pior molecagem do mundo. Papai e mamãe eram os que menos entediavam o que havia ocorrido. Minha avó não perdeu tempo e saltou em direção à porta. A campainha soou novamente, apressada. Vovó girou a maçaneta uma voz familiar entrou pelos nossos ouvidos, revelando uma sensação

nova perante a vida para cada um de nós:

— Querida família Barry, este é um Natal muito especial para todos nós. Para vocês, que estão me vendo voltar do mundo dos mortos sem que eu nunca tivesse ido para lá. E que vão me contar outras histórias depois que eu contar esta, a maior e mais incrível que um Barry já viveu. O pior pesadelo, que me levou um passo adiante.

Danny, meu irmão mais velho, impecavelmente vestido com um conjunto clichê cáqui, dispensou um olhar especial para mim e disse:

— E, Charlie, o Macaco-Rei sabe. Pediu que lhe dissesse para compor uma música para ele.

Esse era Danny. De volta entre nós. Melhorado ainda mais. Não tem jeito. Algumas pessoas já nascem com a missão de ser maior que as outras. Deve ser uma das Leis da Natureza, eu acho. Nenhum de nós foi o mesmo depois disso, mas, de alguma maneira, estamos todos felizes outra vez.



FIM

FAVOURITE WORST
NIGHTMARE

SOBRE A BANDA

O Arctic Monkeys talvez seja o maior fenômeno musical da era da Internet. Formada em Sheffield, Inglaterra, em 2002 por Alex Turner, Jamie Cook, Andy Nicholson e Matt Helders, a banda produziu seu primeiro disco em 2004 e o colocou no *MySpace*. O sucesso foi tanto que logo fecharam com a Domino Records e assim surgiu, em 2006, *Whatever People Say I Am, That's What I'm Not*, álbum de estréia da banda, que varreu o mundo, tornando-se um fenômeno indie no mundo todo. *Favourite Worst Nightmare* foi lançado no começo de 2007 e consolidou o sucesso da banda mundialmente.

CRÉDITOS ORIGINAIS

FAVOURITE WORST NIGHTMARE - ARCTIC MONKEYS

Design Matthew Cooper

Ilustração Joseph Bramhall, Drew Millward e Anne Marie Moore

Lançado em 24 de Abril de 2007

Selo: Domino Records

Produzido por James Ford e Mike Crossey

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.arcticmonkeys.com

SOBRE O AUTOR

George Farwell, 35, é natural de Hastings, cursou História em Oxford e virou mergulhador profissional na França, testando equipamentos de segurança para a CMAS. Sua maior aventura até hoje foi uma viagem de dois anos cruzando a Europa, Ásia e Índia, fazendo um levantamento de cavernas de água doce inundadas. Morou em São Paulo de 1998 a 2002, mergulhando com o Núcleo de Estudos da USP por todo o litoral brasileiro.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

S1 FAVOURITE WORST NIGHTMARE

ARCTIC MONKEYS

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. BRIANSTORM
2. TEDDY PICKER
3. D IS FOR DANGEROUS
4. BALACLAVA
5. FLUORESCENT ADOLESCENT
6. ONLY ONES WHO KNOW
7. DO ME A FAVOUR
8. THIS HOUSE IS A CIRCUS
9. IF YOU WERE THERE, BEWARE
10. THE BAD THING
11. OLD YELLOW BRICKS
12. 505

